

FUNDACIONALISMO, EVOLUÇÃO E RELATIVISMO  
NO ÜBER GEWICHTEIT DE WITTGENSTEIN

Carlos Eduardo Batista de Sousa<sup>1</sup>

A obra de Wittgenstein possui uma característica muito peculiar decorrente da própria concepção de filosofia do autor. É fato comum que suas contribuições se estenderam a outras áreas como lingüística, matemática, ciências sociais, etc. Uma de suas grandes contribuições é o conceito de *jogo de linguagem*, idéia inovadora que sustenta toda sua filosofia, e que pode ser definida como um conjunto de inúmeras práticas lingüísticas que constituem uma vasta rede complicada que se cruza e entrecorta (*PU*<sup>2</sup> §66). Esses jogos de linguagem não são fixos, mas evoluem conforme as formas de vida se transformam.

Ao utilizar o método de Wittgenstein na análise do desenvolvimento do conhecimento humano, percebe-se que cada época possui seus próprios jogos de linguagem, crenças e convicções, fundadas em certas proposições que funcionam como *regra*. A partir do método wittgensteiniano, irei discutir o modo como se estrutura nossa visão de mundo, a evolução que ocorre nas formas de vida e que inevitavelmente, desembocaria num certo relativismo.

### O Conceito de Jogo de Linguagem

Wittgenstein desenvolve o conceito a partir de uma analogia com o conceito de *jogo*, e aponta certas características e semelhanças com a linguagem: jogos possuem regras, são práticas compartilhadas por uma comunidade, possuem peças, são autônomos, não requerem justificativas, etc. Entretanto, deve-se ressaltar que não há uma característica comum (uma essência) que perpassa em todos os jogos. Sua idéia é que existem *semelhanças de família*,

---

<sup>1</sup> Mestrando em Filosofia na UFRJ

<sup>2</sup> WITTGENSTEIN, L. *Philosophische Untersuchungen*. Suhrkamp, Frankfurt am Main, 1984.

como nos membros de uma família, e estas semelhanças fornecem uma idéia geral do que seja um jogo. Por conseguinte, a linguagem também possuiria certas características como os jogos, e dentre estas, a principal é a relacionada a regras. Tanto os jogos como a linguagem, são atividades constituídas e guiadas por regras, que podem ser explícitas ou implícitas. A partir desta idéia Wittgenstein cunha o conceito de *jogo de linguagem* para discutir questões, ou melhor, dissolver problemas filosóficos decorrentes do mau uso da linguagem, através de vários exemplos retirados da história da filosofia ou construídos para tal propósito.

A melhor caracterização que ele fornece do conceito se encontra nas *Investigações* §23, na qual descreve vários *atos de fala* (comandar, descrever um objeto, relatar um fato, inventar e contar histórias, cantar, resolver um cálculo, pedir, agradecer, rezar, etc.). Todas essas atividades estão inseridas numa *forma de vida*<sup>3</sup> (*Lebensform*). A idéia de Wittgenstein é que os jogos de linguagem são partes integrantes de uma forma de vida, sendo indissociáveis; são “a totalidade da linguagem e das atividades com as quais está interligada” (*PU* §§7 e 23). De um modo geral, pode ser entendido como todas as atividades lingüísticas (não só o emprego de signos, mas sim todo o ambiente envolvido, o contexto, os gestos, a expressão facial, etc.).

No §23 Wittgenstein ressalta a idéia de que a multiplicidade dos jogos de linguagem não são alguma coisa fixa no tempo, mas que se modificam: “...mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos”, e no §18 utiliza uma metáfora para ilustrar isso: “nossa linguagem pode ser vista como uma velha cidade: uma rede de ruelas e praças, casas novas e velhas, e casas

---

<sup>3</sup> O conceito de *forma de vida* é um problema para os comentadores de Wittgenstein, pois em toda sua obra filosófica ele utiliza o conceito apenas 5 ou 6 vezes, o que gerou uma grande controvérsia. Alguns como Max Black e Rudolf Haller chegaram a dizer que o conceito não é tão importante devido justamente a aparecer pouquíssimas vezes. Mas outros comentadores como Glock, Conway, Trigg consideram o conceito como central na filosofia de Wittgenstein, uma vez que não pode ser dissociado dos jogos de linguagem que são atividades compartilhadas por comunidades lingüísticas. Jogos de linguagem são atividades integrantes de uma forma e vida (*PU* §23), e por isso *forma de vida* deveria ser interpretada aqui como “o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem” (Glock, 1990, pp.173-174), pois “imaginar uma linguagem é imaginar uma forma de vida” (*PU* §§7,19). Nos *Blue and Brown Books*, Wittgenstein também afirma que imaginar uma linguagem é o mesmo que imaginar uma cultura, desse modo, forma de vida pode ser considerada como uma formação sócio-cultural, a totalidade das atividades comunitárias em que estão imersos nossos jogos de linguagem.

construídas em diferentes épocas; e isto tudo cercado por uma quantidade de novos subúrbios com ruas retas e regulares e com casas uniformes”. Já no *Sobre a Certeza*<sup>4</sup> ele afirma: “Quando os jogos de linguagem mudam, modificam -se os conceitos e, com as mudanças nos conceitos mudam os significados das palavras”, e “o jogo de linguagem muda com o tempo” (UG §§65, 256).

### **Fundacionalismo e Evolução das Formas de Vida**

Wittgenstein constata, observando nossas práticas lingüísticas, que há uma evolução natural<sup>5</sup> nas idéias que se modificam com o passar do tempo. Essa dinâmica revela as grandes modificações efetuadas em nossa imagem de mundo. Cada época possuiria certezas e crenças que, confrontadas umas com as outras, poderia revelar uma certa incomensurabilidade, e isso dentro de uma mesma forma de vida. Por exemplo, nos séculos XIV e XV, acreditava-se que o mundo era plano e no fim da linha do horizonte acabava. Estas crenças que hoje nos parecem absurdas, naquela época não eram, ao contrário, eram certezas que determinavam a visão de mundo das pessoas. Outro exemplo é a revolução copernicana e as descobertas de Giordano Bruno. Em suas épocas acreditava-se que a Terra era o centro do Universo, isto era uma certeza inabalável, e a partir desta certeza criou-se uma imagem de mundo antropocêntrica definida pela Igreja. Mas Copérnico e Bruno provaram que a Terra não era fixa e que não era o centro do Universo. Para o jogo de linguagem jogado à época, isso era uma heresia, pois derrubava uma certeza secular, amplamente aceita e reproduzida. Tal descoberta ia contra a imagem de mundo já cristalizada. Houve desde então, uma constante reorganização dos conhecimentos que pareciam assentes para toda a forma de vida.

Para Wittgenstein, os jogos de linguagem são atividades autônomas e não necessitam de nenhuma justificativa, eles são parte de nossa história natural, assim como andar, comer,

---

<sup>4</sup> WITTGENSTEIN, L. *Über Gewißheit / Da Certeza*. Edição bilíngüe, Edições 70, 1990.

<sup>5</sup> ‘Natural’ do sentido de ‘espontâneo’.

jogar, etc. (*PU* §25). Como diz o autor, “O jogo de linguagem é, por assim dizer, imprevisível. Quero dizer: não está fundamentado. Não é racional (ou irracional). Está aí - como nossa vida” (*UG* §559). Segue-se, então, que muitas de nossas idéias, crenças, e certezas surgiram no decorrer do desenvolvimento das culturas de modo não-intencional, estruturando um amplo quadro de referências, sem justificativa ou algum tipo de *racionalização*. Esse desenvolvimento pode ser lento e gradual no qual alguns conceitos vão se transformando, surgem novos e alguns outros desaparecem num processo de reestruturação constante. Tal desenvolvimento vai moldando nossa imagem de mundo e certas idéias vão enraizando-se de tal modo na forma de vida que viram regras para nossas ações. Fazendo-se uma ponte com as idéias de Thomas Kuhn, as formas de vida evoluem através de saltos e do rompimento com antigas visões de mundo. Contudo, esse rompimento não é definitivo, uma vez que sempre fica alguma coisa antiga que pode conviver com o novo, porque na maioria das vezes, as inovações vêm para somar-se ao que já estava estruturado. Mas em algumas ocasiões, o rompimento é definitivo, como nas descobertas citadas acima, em que houve uma mudança radical nas *proposições fundacionais*.

No *Sobre a certeza*, Wittgenstein vai discutir a questão das regras que se cristalizam e passam a funcionar como pressupostos para a construção do conhecimento e como base para nossas ações. A estas proposições Wittgenstein denomina proposições metodológicas, proposições da lógica ou proposições gramaticais<sup>6</sup>. Estas funcionam como fundamento para outras que Wittgenstein denomina *proposições empíricas*. As proposições fundacionais são certezas inter-subjetivas que guiam nossas práticas cotidianas, não são justificáveis e nem verificáveis, uma vez que já foram validadas, e formam todo um sistema de proposições que estão estruturadas a partir delas, que giram ao seu redor, como fulcros no qual giram nossas práticas. Proposições deste tipo são, por exemplo, “A Terra é redonda”, “Eis aqui uma mão”,

---

<sup>6</sup> Alguns comentadores falam de proposições *fundacionais* ou *fulcrais*, que representam melhor o que Wittgenstein tinha em mente, e, portanto, irei seguir esta adoção.

“A força da gravidade existe”, etc., e não admitem mais nenhum tipo de dúvida. Ninguém duvida da existência da gravidade. Se eu jogar um corpo do alto de um prédio certamente ele irá cair. Duvidar da existência da gravidade seria duvidar da possibilidade de o corpo cair, seria, portanto, duvidar da existência da vida na Terra. Por isso essas proposições são certezas inter-subjetivas reconhecidas por todos como verdadeiras e que são o *fundamento* de nossas práticas lingüísticas<sup>7</sup>.

Certezas deste tipo são a base para os nossos jogos de linguagem, e participar de uma forma e vida é adotá-las e aprender a reproduzi-las. Certezas inter-subjetivas fundam nosso agir, e são o resultado da evolução natural de nossos jogos de linguagem. Wittgenstein vai ao cerne da questão ao discutir a sedimentação dos conhecimentos em proposições fundacionais que servem de base para proposições empíricas. Estas últimas são aquelas que ainda estão em “circuito”, ou seja, ainda não foram validadas, e dependem de comprovação empírica. Proposições fundacionais são como eixos para as proposições empíricas e, “este eixo não fica fixo no sentido de alguma coisa segurá-lo, mas o movimento em torno dele determina sua imobilidade”; e também “aquilo que fica fixo não o faz porque é evidente ou convincente e; mas sim aquilo que o rodeia é que lhe segura” (*UG* §§152,144).

A idéia de Wittgenstein é que nossas crenças giram em torno de algumas certezas que funcionam como base para nossos juízos mais comuns. Certas proposições são como fulcros no qual giram outras, formando uma estrutura entrelaçada no qual cada proposição sustenta a outra. Para Wittgenstein, há uma dinâmica entre proposições fundacionais, que já foram colocadas no “arquivo”, e proposições empíricas, que ainda estão “em circuito”, entre elas existem ajustes constantes. Nos §§ 96-99, o autor descreve esta tensão entre o que é firme e o que se altera, afirmando que a fronteira entre o que é lógico e o que é empírico é movediça. Dependendo das circunstâncias, as proposições irão assumir o *status* de lógicas ou empíricas.

---

<sup>7</sup> Cf. KOBER, M. ‘Certainties of world-picture: the epistemological investigations of *On Certainty*’. In: SLUGA, H. and STERN, D. (ed). *The Cambridge Companion to Wittgenstein*. CUP, Cambridge, 1996.

Ser lógico ou empírico irá depender do uso e do contexto em que será empregada, posto que não há uma fronteira nítida entre elas (§319). A esse respeito afirma Wittgenstein:

Poderia imaginar-se que algumas proposições, com a forma de proposições empíricas, tornavam-se rígidas e funcionavam como canais para as proposições empíricas que não endureciam e eram fluidas, e que esta relação se alterava com o tempo, de modo que as proposições fluidas se tornavam rígidas e vice-versa. (§96)

E claro que nem todas as nossas proposições empíricas têm o mesmo estatuto, já que se pode formular uma proposição e convertê-la de proposição empírica em norma de descrição. (§167)

Digo mesmo: qualquer proposição empírica pode transformar-se num postulado - e então tornar-se uma norma de representação. (§321)

As citações acima demonstram a dinâmica no processo de estruturação das proposições, que formam, segundo Wittgenstein, uma “mitologia” ou uma “imagem de mundo”. A partir dessas passagens pode-se concluir que não há conhecimento inabalável ou imutável. Os fundamentos podem mudar com o tempo, pois “Aquilo que os homens consideram racional ou irracional altera em certos períodos, os homens acham racional aquilo que, noutros períodos, acharam irracional. E vice-versa.” (*UG* §336). Estas transformações que ocorrem de modo natural nas formas de vida, alteram toda uma imagem de mundo e determinam o modo de agir.

Proposições que servem de regra para outras têm algo de necessário, pois “A existência da Terra é antes parte da imagem total que forma o ponto de partida das minhas convicções (*Bildet*)”, e “algumas coisas nos parecem assentes e saíram de circulação. Por assim dizer, foram desviadas para uma via não utilizada” (*UG* §§209,210). Ou seja, não há mais abertura para dúvidas do tipo se a Terra é redonda ou se existe há 100 anos. Se alguém não acredita na existência da Terra, então ou esta pessoa não compreendeu bem a regra ou possui algum tipo de demência. Convicções como estas se apóiam numa imagem de mundo que foi construída coletivamente durante anos e compartilhadas por toda comunidade lingüística, questioná-las seria questionar a própria forma de vida.

No §156 Wittgenstein afirma: “Para que o homem erre, ele já tem de julgar de acordo com a humanidade”, ou seja, quando fazemos um juízo, já pressupomos todo o sistema de proposições, uma vez que fazemos parte de uma comunidade, posto que “Aquilo que me agarro não é uma proposição, mas um conjunto (*Nest*) de proposições” (§225). Existe um acordo implícito que não se pode contradizer sem recorrer à mesma estruturação que funda todo conhecimento. Qualquer dúvida parte sempre de dentro do sistema, e pressupõe sempre algumas certezas, por isso Wittgenstein vai afirmar que a dúvida pressupõe a certeza.

Esse ponto pode ser identificado como um argumento contra o céptico, porque para que duvide de alguma coisa, deve partir de alguma certeza já estruturada, senão não poderia haver sequer a dúvida. É necessário que haja uma ordem pressuposta com a qual nos comprometamos implicitamente e de que não se duvida: em condições normais, eu e os outros seres humanos temos duas mãos, temos certeza de que a Terra existe e é redonda, assim como temos a capacidade de andar, comer, falar, etc. Wittgenstein afirma que, “Se pretendesse duvidar da existência da Terra muito antes de meu nascimento, teria de duvidar de todas as espécies de coisas que são ponto assente para mim”, e “o fato de não duvidarmos (de todos os fatos conjuntamente) é simplesmente nosso modo de julgar, e, portanto de atuar”, é assim que nós agimos (*UG* §§232,204), e, então, se alguém duvida da existência de sua mão ou da Terra está duvidando da existência de si e isso não faria sentido. Em algum lugar nossas dúvidas têm de parar, e esse é o limite dos jogos de linguagem. A pressuposição de que minha mão existe é fundamental para meu agir cotidiano: aperto a mão de um amigo, dou tchau, pego um objeto, etc. Se eu duvido da existência de minha mão, então todos os meus atos cotidianos são falsos, o que não é verdade<sup>8</sup>. Da mesma forma a existência da Terra, pois “A imagem da Terra é parte da imagem total que forma o ponto de partida das minhas convicções” (*UG* §206). Em

---

<sup>8</sup> Cf. SVENSSON, G. *On doubting the reality of reality*. ALMQVIST & Wiksell International, Stockholm, 1981.

algum lugar as dúvidas cessam e o que fica é o nosso modo de agir, nosso atuar, e as justificativas também cessam, onde a ‘pá entorta’.

Para Wittgenstein toda interpretação e todo modo de agir se estabeleceram na base de convicções fundacionais não refletidas: ‘Mas eu não tenho a minha imagem de mundo porque me convenci da sua verdade, nem a mantenho porque me convenci da sua verdade. Pelo contrário, é o quadro de referência herdado que me faz distinguir o verdadeiro do falso; Todo conhecimento que temos hoje e que é certeza, forma o amplo quadro de referência que guia o nosso comportamento, é todo um sistema determinando o agir’ ( *UG* §§94,83). Todo o sistema de proposições forma uma estrutura, e qualquer certeza ou dúvida que se tenha, remete-se sempre a este sistema que está reunido em torno de uma imagem de mundo, cujas proposições são ponto assente para quem procura verificar suas experiências. Negar o que se tem por certo dentro de um sistema significa pôr em dúvida o sistema inteiro, posto que “...as minhas convicções formam de fato um sistema, uma estrutura; este sistema é adquirido pelo conhecimento através da observação e da instrução; Quando começamos a acreditar em qualquer coisa, aquilo em que acreditamos não é uma proposição isolada, mas é um sistema completo de proposições” ( *UG* §§126,141,279).

Portanto, todo conhecimento que é transmitido e assimilado de uma certa maneira, funda-se na crença do sistema de verificação herdada (cf. §§170, 288, 472, 473, 600). A fundamentação do conhecimento pressupõe sempre um sistema de crenças gerado pela prática social. É preciso que haja certezas para haver conhecimento, uma vez que “quem não tiver certeza de fato nenhum, também não pode ter certeza do significado das suas palavras” (§114). O sentido de uma palavra depende primeiramente do contexto de uma frase numa determinada situação, e do contexto do sistema inteiro de proposições que refletem as atividades humanas. Sobre isso afirma Wittgenstein:

Toda verificação, confirmação e invalidação de uma hipótese ocorrem já no interior de um sistema. E este sistema não é um ponto de partida, mais ou menos arbitrário e duvidoso, para

todos os nossos argumentos: não, pertence à essência daquilo a que chamamos um argumento. O sistema não é tanto o ponto de partida, como o elemento onde vivem os argumentos. (§105)

Ou seja, toda e qualquer afirmação ou negação terá sempre que pressupor certezas inter-subjetivas, mesmo que seja para duvidar. Nos §§ 140-144 Wittgenstein ressalta que ser educado dentro de um sistema tem uma base não refletida. Esse aprendizado de certezas é internalizado implicitamente (ou melhor, *inconscientemente*), e cada membro de uma comunidade lingüística aprende a ter certas convicções e a atuar em função delas. Todo agir é pré-determinado pelo quadro de referência que é um sistema de proposições interligadas onde “as conclusões e as premissas se apóiam mutua mente” (§142). Pensar *Q* pressupõe *P*, que pressupõe *N*, e isso até um certo ponto, onde o acordo coletivo está definido, no ponto de parada, pois em algum lugar nossas justificativas têm de parar. Sempre há uma rocha cristalina que bloqueia o acesso, e a única solução é lapidá-la modificando-a gradualmente ou aceitá-la como o dado bruto. Como afirma Wittgenstein:

Mas a fundamentação, a justificação da evidência tem um fim, mas o fim não é o fato de certas proposições se nos apresentarem como sendo verdade, isto é, não se trata de uma espécie de ver da nossa parte; é o nosso atuar que está no fundo do jogo de linguagem. (§204)

Há naturalmente justificação; mas a justificação tem um fim. (§192)

## **Conclusão**

As conseqüências do *Sobre a certeza* parece nos levar a um relativismo que perpassa a todas as culturas, pois qualquer proposição asseverada irá depender sempre do contexto em que é expressa, da época e da cultura. Para um cético de plantão isso seria a prova de que o conhecimento é impossível, uma vez que nada serviria como parâmetro para definir a verdade, pois esta seria sempre relativa. Mas contra o cético, Wittgenstein responderia que a Humanidade só evoluiu porque não ficou presa a verdades imutáveis. A evolução das formas de vida só foi possível devido às constantes revisões e modificações do conhecimento. O cético se auto-refuta na medida em que utiliza certezas para duvidar de qualquer coisa. Se o

conhecimento não é possível, então ele não pode nem mesmo duvidar, pois para que haja dúvida é preciso haver pressupostos para fundamentá-la.

O relativismo não é um fator negativo, pois as formas de vida estão interligadas. Não há uma intraduzibilidade definitiva entre as culturas. É possível compreender formas de vidas distintas da nossa, embora joguem outros jogos de linguagem. A matemática dos pigmeus pode nos parecer absurda, mas funciona para eles, e é passível de ser compreendida através de uma imersão em suas práticas. Mas isso não significa tornar-se um pigmeu, porque para tal é preciso ser socializado desde criança nesta forma de vida e internalizar suas idéias, crenças, e certezas.

Em resumo, as transformações nas formas de vida implicam inevitavelmente numa modificação de nossa imagem de mundo e numa readaptação de nossos jogos de linguagem, para que a forma de vida evolua. Algumas proposições nos parecem tão fundamentais que refutá-las ou negá-las seria um absurdo, mas isso não significa que elas sejam intocáveis do ponto de vista lógico; elas já passaram por todo tipo de teste e se mostraram plausíveis e, portanto, funcionam como fundamentos de nossa imagem de mundo. Com a evolução do nosso conhecimento, nossos jogos de linguagem mudam e concomitantemente modificam nossos conceitos, e algumas proposições passam por um processo de cristalização dando origem ao nosso quadro de referências. No fundo, parece ser um paradoxo, uma vez que ao mesmo tempo em que as proposições fundacionais sustentam a forma de vida, esta última determina, através de sua evolução, estas proposições. Este fato não chega a ser grave, pois o que realmente importa para Wittgenstein são as práticas sociais que funcionam como motor da forma de vida. É prática que irá determinar o papel das proposições.